

O conhecimento tradicional e os recursos naturais na reserva indígena Kaiowá e Guaraní em Caarapó, MS

Traditional knowledge and natural resources in Kaiowá and Guaraní indigenous reserve, Caarapó, MS

Luiz Augusto Cândido Benatti¹

Reginaldo Brito da Costa²

Antonio Jacó Brand³

Raul Alfonso Rodrigues Roa⁴

¹ Engenheiro Florestal, mestre em Desenvolvimento Local, IBAMA.

² Engenheiro Florestal, professor doutor na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, Campo Grande, MS. E-mail: rcosta@ucdb.br.

³ Historiador, professor doutor na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local e Programa Kaiowá/Guarani, Campo Grande, MS.

⁴ Biólogo, doutorando em Agronomia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ilha Solteira, SP.

RESUMO

A drástica diminuição da diversidade biológica imposta pela lógica capitalista da sociedade envolvente tem ocasionado a perda de parte importante da cosmologia e vida religiosa da comunidade indígena Kaiowá e Guarani de Caarapó, MS. Na raiz dos problemas por que passa essa etnia está o processo de “confinamento” em diminutos territórios o que tem se agravado com o aumento do contingente populacional. Buscou-se representar na percepção dos Kaiowá e Guarani, subsídios que possibilitem a construção de alternativas de sustentabilidade junto àquela comunidade indígena, com ênfase na implantação de Sistemas Agroflorestais. Os dados obtidos durante o presente trabalho basearam-se nas técnicas comumente utilizadas hoje nas ciências sociais, como observações de campo, coletas de informações com informantes-chaves (roteiros semiestruturados) e oficinas temáticas. As informações levantadas demonstram que o manejo dos recursos naturais e as práticas agroflorestais dos Kaiowá e Guarani estão relacionadas, sobretudo, com a organização sociocultural deste grupo indígena. A re-introdução do componente arbóreo em consonância com o conhecimento local das comunidades envolvidas, quer seja na forma de SAF's, ou associados às roças e quintais, deverá assumir importante papel no sentido de assegurar melhores condições ecológicas e socioeconômicas, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida daquelas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE

Etnodesenvolvimento
conhecimento tradicional
sistemas agroflorestais

ABSTRACT

The drastic reduction of biological diversity imposed by the capitalism logic of the involving society has caused the loss of important part of cosmology and religious life of the indigenous community Kaiowá and Guarani at Caarapó, MS. In the root of the problems faced by this indigenous community is the process of “confinement” to small territories. This is aggravated by the increase of the population contingent. The aim of this dissertation is to present subsidies to allow One searched to represent in the perception of the Kaiowá and Guarani subsidies that make possible the construction of alternatives of sustainability to that indigenous community, emphasizing the implantation of Agroforestry systems. The data assembled during the present work were based on the techniques commonly used in social sciences as: field comments, thematic collections of information with informing keys (half-structured scripts) and workshops. The information surveyed demonstrates that handling natural resources and practicing agroforestry are related to the social and cultural organization of Kaiowá and Guarani. The re-introduction of the wood component in accordance with the local knowledge of the involved communities, either in Agroforestry Systems or in plantations and yards, will play an important role to assure better ecological and socio-economic, contributing for the improvement of the quality of life of those communities.

KEY-WORDS

*Traditional knowledge
development ethnic
agroforestry system*

INTRODUÇÃO

No contexto das percepções da comunidade indígena, o processo de fragmentação da cobertura vegetal primitiva tem provocado a diminuição da relação homem/natureza, ocorrendo uma gradual desvitalização relacionada aos conhecimentos (“saberes”) dessas populações tradicionais.

Conviver com o saber indígena hoje é a preocupação de uma nova consciência humana baseada no respeito da sua cultura. O reconhecimento faz parte das preocupações em acordos internacionais para o fortalecimento das culturas indígenas e suas comunidades. Ao mesmo tempo, uma parte importante da humanidade, que desiste do desenvolvimento tecnológico, busca nas formas e nos saberes tradicionais de sobrevivência dos povos indígenas a sabedoria que lhe faz falta (MUÑOZ, 2003).

O ambiente emerge impulsionado pelas diferentes ordens do real que foram externalizadas e dos saberes que foram subjugados pelo desenvolvimento das ciências modernas. O ambiente está integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica dominante: a natureza superexplorada e a degradação socioambiental; a perda de diversidade biológica e cultural; a pobreza associada à destruição do patrimônio de recurso dos povos e a dissolução de suas identidades étnicas; a distribuição desigual dos custos ecológicos do crescimento e a deterioração da qualidade de vida. Ao mesmo tempo, o ambiente emerge como um novo potencial produtivo, resultado da articulação sinérgica da produtividade ecológica, da inovação tecnológica e da organização cultural (LEFF, 2002).

Segundo Brand (2001) parte significativa dos desafios que os povos indígenas enfrentam hoje, no Brasil, tem sua origem, exatamente, na imposição do modelo ocidental de desenvolvimento altamente concentrador, excludente e destruidor da natureza. A perda dos territórios e, acima de tudo, a destruição dos recursos naturais mediante a imposição da monocultura comprometeu as bases da economia indígena apoiada na diversidade de alternativas, destruindo progressivamente, os seus sistemas de autossustentação e instaurando, dessa forma, um processo ininterrupto de empobrecimento.

A crise agrícola-ecológica existente, hoje, na maior parte do terceiro mundo, resulta do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento. As estratégias de desenvolvimento convencionais revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável. Não foram capazes nem de atingir os mais pobres, nem de resolver o problema da fome, da desnutrição ou as questões ambientais. As inovações tecnológicas não se tornaram disponíveis aos agricultores pequenos ou pobres em recursos em termos favoráveis, nem se adequaram às suas condições agroecológicas e socioeconômicas (ALTIERI, 2000).

A ideologia hegemônica do desenvolvimento econômico moderno sempre desprezou as atividades de subsistência dos povos tradicionais, já que eram consideradas como atrasadas e de pouca produtividade, além de não serem destinadas ao mercado. Mas as atividades de subsistência continuam fornecendo as principais fontes de alimento para muitos desses grupos e, mais ainda, lhes oferece uma “segurança alimentar”, um elemento fundamental, em qualquer modelo de desenvolvimento. Em muitos casos, as atividades de subsistência estão intimamente vinculadas com expressões rituais e artísticas desses grupos, de tal forma que a manutenção das mesmas representa simultaneamente um mecanismo de fortalecimento cultural (LITTLE, 2002).

O que caracteriza a situação dos povos Kaiowá e Guarani no Estado é o seu confinamento em áreas de terra insuficientes para a sua sobrevivência física e cultural. O processo histórico tem se caracterizado pela progressiva perda territorial para as frentes de colonização que adentraram os territórios indígenas tradicionais. Esses povos vivem hoje em reservas de terra que, em sua maior parte, foram demarcadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Todas são, porém, superpovoadas, considerando-se o modo específico de vida e as relações que tradicionalmente esses indígenas mantêm com a natureza. Os recursos naturais estão profundamente comprometidos, não oferecendo mais as mínimas condições para a sobrevivência dessas coletividades. Os indígenas são obrigados, então, a se assalariarem nas usinas de produção de álcool e açúcar (BRAND, 2001).

Como consequência de um processo histórico extremamente desfavorável que acarretou a perda de parte significativa dos territórios assim como dos equívocos gerados por alternativas econômicas de fora para dentro, os povos indígenas veem sua qualidade de vida deteriorando-se gradativamente. Entre outros problemas, surge o alcoolismo, a prostituição, a violência interna, os suicídios entre os Kaiowá/Guarani e uma migração cada vez maior para as periferias das cidades. É dentro deste contexto que se situam as discussões em torno da busca de alternativas de desenvolvimento que tenham em conta o conhecimento e a experiência histórica e cultural específica de cada um destes povos, com vistas à melhoria de sua qualidade de vida (BRAND, 2001).

O presente trabalho objetivou gerar informações sobre o conhecimento tradicional, principalmente no que se refere aos aspectos relacionados com o manejo dos recursos naturais dos Kaiowá e Guarani da Reserva Indígena de Caarapó como forma de subsidiar alternativas de desenvolvimento local para esta comunidade.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 OBSERVAÇÕES DE CAMPO

Foram realizadas observações de campo no sentido de identificar e sistematizar alguns padrões de comportamento relacionados às práticas agroflorestais, “arranjos produtivos” de quintais e relacionamento com os recursos naturais, segundo a tradição local dos Kaiowá e Guarani.

1.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As pessoas (informantes raros) entrevistadas foram escolhidas em função de seu reconhecimento pela comunidade como possuidoras de experiência e tradição em práticas agrícolas associadas às florestas, além de serem conhecedoras dos recursos naturais e de residirem no local há pelo menos 10 anos. Foram entrevistadas 15 pessoas com o perfil acima referido.

Conforme argumenta Vietta (1998), a entrevista semiestruturada enquanto técnica de coleta de dados tem a capacidade de explorar os dados verbalizados, possibilitando avaliar os elementos psicossociais subjacentes no discurso dos entrevistados relevantes à pesquisa.

Questões abordadas nas entrevistas:

- Plantas cultivadas tradicionalmente, uso na alimentação, medicina, artesanato e outros usos.
- Calendário agrícola: relacionar as atividades agrícolas segundo as épocas do ano.
- Modelo de divisão da área para as roças: plantar junto, separado, o que com o que.
- Relacionar as necessidades: alimentos, lenha, medicinais, artesanato, etc.
- Plantas “companheiras” (plantadas juntas) e as que não podem ser plantadas juntas.
- Quanto tempo e de que forma era gasto o tempo com as atividades de roça, caça e coleta de alimentos.
- De que forma as plantas eram “protegidas” contra doenças e pragas.
- Quais os critérios para a escolha dos locais das roças.
- Quantos anos se cultivavam os locais de roça antes de abandoná-los.
- Quais cultivos permaneciam nos locais abandonados.

1.3 OFICINAS TEMÁTICAS

As oficinas temáticas foram organizadas pela equipe técnica do Programa Kaiowá/Guarani juntamente com os professores e lideranças da comunidade indígena de Caarapó. Essas oficinas fizeram parte das atividades relacionadas com o Projeto “Plano de Gestão Ambiental para a Reserva Indígena de Caarapó, MS”.

Foram realizadas duas oficinas temáticas que tiveram como público-alvo os moradores mais antigos daquela comunidade indígena. O ponto focal foi a relação cultura e natureza, buscando-se o enten-

dimento sobre a visão e compreensão dos indígenas sobre a questão ambiental. Participaram diversos membros da equipe técnica do Programa Kaiowá/Guarani, bem como os professores índios pertencentes aos quadros das escolas que funcionam na Reserva Indígena de Caarapó e lideranças indígenas.

1.4 QUESTIONÁRIO DO PROJETO “QUINTAIS FAMILIARES”

Neste aspecto são apresentados alguns resultados preliminares de um questionário que está sendo aplicado para as mulheres da Reserva Indígena de Caarapó. O referido questionário faz parte das iniciativas do Projeto “Quintais Familiares”, proveniente de parceria entre o Programa Kaiowá/Guarani da UCDB e o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (IDATERRA).

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme relato dos informantes, o cultivo das plantas alimentícias anuais praticado pelos Kaiowá e Guarani se caracterizava tanto pela diversidade de cultivares quanto pelo consorciamento nas áreas manejadas. Entre os principais cultivos agrícolas, pode-se citar: milho (avati moroty; avati sa'yju; avati guapy; tupy puta i~; avati rozy; avati pará), feijões (cumandá guaçu; cumandá guaçu hu~; cha'i~ puku; cumandá yvyra'i~; cumandá'i~; cumandá pytã; mbacucu roxo e mbacucu branco), amendoim (manduvi pará e manduvi guaçu), abóboras, morangas, taio-bas, batata-doce amarela, batata-doce branca, cana, mandioca, banana, abacaxi (caragwatá), cará, cipó guaimbé, algodão e fumo.

Os locais dos cultivos eram escolhidos em terrenos planos, solos férteis e de cultivo fácil, proximidade da água e pouca distância da residência habitual. Tomando-se por base esses critérios, era então escolhida uma parcela de floresta virgem ou de floresta secundária. Para o sustento de uma família média de quatro pessoas, eram necessários cerca de 1 a 2 hectares. No começo do período de menor precipitação, as árvores eram derrubadas, na maioria das vezes, com facões e machados. O trabalho era penoso; árvores grandes de madeira dura, por exemplo, leguminosas, muitas vezes também palmeiras, ficavam por derrubar. Logo após a ocorrência das geadas, o que coincidia com

o final do período de seca, era feita a queimada. Geralmente remanesciam muitos troncos semicarbonizados e árvores sem vida. Os serviços de roçada e encoivramento do material proveniente da roçada eram realizados com facão e um gancho de madeira.

2.1 PRÁTICAS TRADICIONAIS

Alguns relatos obtidos durante as entrevistas ilustram as discussões acerca das práticas tradicionais adotadas pelos Kaiowá e Guarani na Reserva Indígena de Caarapó:

“Você pode entender bem, primeiro que planta é mbacucu, milho saboró, batata, manduvi, feijão coivara, cumandá guaçu, cumandá’í, pacova, abóbora, moranga, cana, tudo aquele usa, num caba mesmo, voce vai no vizinho e acha a mesma coisa. Pra tudo canto, lavoura ta bem bonita, porque tem rezador... Tinha rezador... um alqueire, quadro, então o rezador vinha e rezava aqui no meio e levava um pouco de terra em cada canto da roça, um pouco aqui, um pouco aqui..., nos quatro cantos, aí juntava gente, mulher, velho, menino menina, antes de plantar, aqui deixa o milho, a quantia que for, um caroço cada um... o pai de semente, num sentir geada, sol nada, agora acabou... entrou sistema do branco, então.Tem vergonha pra rezar... Um pedaço cada um, por isso que o mato ta derrubando, capoeirão, um ano derrubava a quantia que for, no outro ano tá roçando a capoeira. Antigamente, mais bom que era vida, e ia pescá, tinha porcada, bicho do mato, fazia mundé, fazia laço, ai o índio tá tratando da família, tudo o mato tem remédio, a meninada tudo gorda, com saúde, e o índio tava sempre rezando... mbacucu, aquele é o último semente, porque em cada quina da roça tem que plantar aquele, pra semente ficar boa mesmo por causa daquele, semente plantada num sente a seca, tem branco e tem meio roxo, frio... antigamente plantava primeiro aquele manduvi guaçu, de seis meses, ele plantô assim, começou a florar, chega terra no pé dele... um pé só dava três lata, quatro lata... tinha que procurar aquele manduvi guaçu e o mbacucu” (CIRIACO ACOSTA).

“Pra fazer a roça não tirava todas as árvores, antigamente sofria, quase não tem ferramenta. Pra fazer roça ele marcou assim ó..., aí ele pedia pra vir geada, geava muito..., aí marcava, ai rezava aqui..., depois da geada..., ai rezava aqui, aqui, aqui, aqui (nos quatro cantos

de um retângulo) quando chegava aqui começou fogo, aí rezava pra vir chuva, quando acabava de plantar já vinha chuva, antigamente plantava tudo junto. Quando vem chuva apagou tudo, aí plantava esse roça, ele foi batizar, aí colocar aqui, aqui, aqui (nos cantos) ele marcou aí batizava nos cantos e dividia os quadros. Primeiro ele plantou o mbacucu, parece matata, antigamente primeiro começa ele plantar o mbacucu. Porque as sementes, o feijão o milho, o manduvi, não sentiu muito a seca. Ele é frio, puxa água. Ele trabalhar aqui, ele chupava o mbacucu. Primeiro ele começa a plantar o mbacucu, aí ele plantar aquele algodão, sempre ele plantou o algodão, sabe porque, ele faz aquele chumbé (vestimenta), depois ele já plantou semente, pedaço de cana, o manduvi, plantou mandioca... Antigamente aproveita tudo, do algodão, aquele capinha, a casca do manduvi, pouquinho casca da mandioca, a hora que sol escurecendo assim, fazer fogo, ele colocou fogo, plantar mandioca, feijão coivara, plantou milho, plantou aquele milho branco, cateto, tudo família pra tabalhar, aí ele plantou... e depois ele sempre usava o saraquá, depois veio vindo a enxada a foice, aí ele roçar, roçar aqui, aí quando ele fazer fogo, juntava visinho pra cuidar... ele sempre roçar, o mato derrubar, aí ele não deixa secar muito, ele falou... Se não ta geando, ele sabe, ele já rezava pra gear, ele conhece quando gear” (AVELINO RAMIRES).

“Aqui chama canguery... antigamente num tinha arroz e plantava só no saraquá, as sementes ficavam no picuá... plantava feijão coivara, esse mantega, mbacucu, pacová, cana, outra cana pintada, depois esse milho branco, amarelo... fazia rede do caragwatá imbira, deixar 15 dias no córrego e depois deixar no sol ...abóbora, moranga, curapenpen, batata doce, branca e roxa, amendoim, 2 ou 4 pé saía 4 a 5 balaio, mbacucu branco e vermelho, fazer chicha e chamar os vizinhos... dai assar o queixada fazer farinha com milho, banana, arroz num tem, nem sal, açúcar num tem, tem mel, se num tiver mel, pegar a batata, socar, deixar três dias aí ficar bem doce (chicha)... A gente também sabe quando cururu cantá, já num planta mais o mbacucu, se não num cresce no terreiro, antes do cururu cantá já planta, quando cantá o cuchuiguigui já não vai mais gear, aí já pode plantar... quando começar a flor da guavira já planta que já vai chover... quando cuchuiguigui num canta, ta esperando o tempo certo... a semente fica guardada na porongo em cima do fogo (cozinha), pode ficar dois anos” (RICARDO ALMEIDA).

“Plantei mbacucu, milho branco (avati moroty), milho amarelo (avati sa'yju), milho sentado (avati guapy), abóbora, moranga, cumandáʔ, cumandá guaçu, batata, batata asaĩ, batata rarosaju, cana, mandioca, banana e queimavam. Os vovôs queimavam, a vó já pegava a batata e levava plantar e o vovô já fazia um oivyrá angá (benzimento na terra) pra plantar o milho branco, o milho amarelo, o milho sentado. E planta mbacucu e ia plantando batata asaĩ, já plantava batata rarosaju, batata aosati, já plantava cumandá guaçu, cumandá'i, já plantava abóbora, moranga. Depois que ele já tinham benzido, já tinham queimado a roça. Depois que queimaram tudo já plantavam, o vó a vó já plantavam a roça” (HOMERO MARTINS).

“Antigamente roçava tudo, ficava os toco... roçava só a palhada, juntava pra não queimar o mato... plantava o milho saboró, abóbora, moranga, arroz não plantava, feijão coivara, amendoim, cana, batata doce variedade branca e amarelinha... mamão... Mbacucu, num tem mais... a roça sempre retirada da casa... quando fica ruim já planta batata, amendoim e vai pra outro canto... cinco ou seis anos no ca'agui hũ... no carapê, 1 ou 2 anos. Nesse mês de julho, a terra já ta preparada, agosto já plantou e colhe bem... antigamente tinha fartura... tinha bastante bicho, borevi, quexada, ia pra roça e já trazia um bicho... antes plantava com saraquá, nunca perde, sementes no picuá e três sementes por cova... antigamente se ele planta milho saboró, se ele comer um tatu, ele não cruza no meio... num cruza nem passa perto, tem que esperar uns dois ou três dias, pra num amarelá, se amarelá dá espiga, mas num dá nada. A mão que planta o amendoim num pode passar no nariz... antigamente depois de colher o milho num pode jogar o sabugo no chão, tem que juntar e levar pra perto do rio... essa brachiária é quente, se plantá no meio dessa brachiaria o milho num dá nada” (JULIO ALMEIDA).

“Antigamente o índio observava mais a natureza... na floração da guavira já ia chover... no tempo da guavira esse cedro cai as folhas, começa a plantar, aí já vem a chuva... se mãe da lua cantar tempo não vai gear, cuchuiguigui canta não vai gear... hoje não, hoje a gente usa relógio... olhava as estrelas... já tava quase amanhecendo... tem um desenho que parece ema... já calculava as horas... lucero... siete cavilhas tem uma estrela pertinho da outra... vamos embora pra roça. O primeiro canto do galo é meia noite... depois começa a cantar de novo são três horas... Começava o preparo da roça em agosto, depois da geada, começa plantar milho, cumandá, abóbora, aquele lá é o

primeiro, quando começa o milho e as outras coisas aquele lá já tá dando... isso aconteceu com o milho, antigamente plantava primeiro um quadro de milho, depois planta rama feijão de vara esse primeiro milho já tá florando, então plantava outro milho pra não coincidir as floradas... aí já começa a fazer o batismo... na mesma roça plantava de tudo... milho com a batata, milho com arroz não sai bem, o milho é quente... abóbora junto com a mandioca é bom... naquela época tinha o que comer no mato... parece que era mais folgado pra trabalhar... tinha bicho do mato, armava armadilha, laço, mundel, arapuca, outras armadilhas... nunca gostei de caça, só meu irmão, matava passarinho, outros bichos, cada um tem uma natureza, esse meu irmão não gosta de roça, gosta de pescar e caçar... muitos antigos deixavam na roça o cipó guaimbé, usava pra amarrar casa e comiam a fruta dele assada” (GRACIANO FERNANDES).

2.2 CLASSIFICAÇÃO DA VEGETAÇÃO, SOLOS E APTIDÃO AGRÍCOLA

A classificação das fisionomias vegetais que compõem os diferentes ecossistemas no âmbito da área em estudo refletem indiretamente a escolha dos ambientes selecionados pelos Kaiowá e Guarani para que pudessem subsistir e manejá-los em conformidade com sua tradição cultural:

Ca'agui hũ – geralmente, estes locais, por abrigarem as fitofisionomias mais densas e detentoras de dossel arbóreo mais alto, tais como a Floresta Estacional Semidecidual e as transições Cerradão/Floresta Estacional Semidecidual, são ocupados com os melhores solos, classificados como *ivi hũ* (latossolo roxo), com maior capacidade de suporte e consequentemente de melhores aptidões agrícolas, proporcionando os períodos de cultivos mais longos, podendo atingir até cinco ou seis anos. Segundo a visão dos Kaiowá e Guarani estes são os sítios mais apropriados para o cultivo do milho. As principais espécies representantes desta fitofisionomia são a peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*), pau-marfim (*Balfourodendron rhyedelianum*), canafístula (*Peltophorum dubium*), entre outras.

Ca'ati mbaretê – Formação florestal equivalente ao Cerradão ou Savana Arbórea Densa (Savana Florestada), apresentando fisionomia de floresta, porém com altura do dossel arbóreo inferior à da Floresta

Estacional Semidecidual e apresentando ocorrência de gêneros típicos do Cerrado. Geralmente ocorre em variações do latossolo vermelho escuro, classificado pelos Kaiowá e Guarani como yvy pytâ. A capacidade de suporte destes sítios é inferior à da classe anterior, segundo os relatos, com capacidade para suportar cultivos agrícolas satisfatórios por períodos de três a quatro anos. O Cerradão apresenta nuances em termos do porte arbóreo, podendo ser classificado como Cerradão Mesotrófico e Cerradão Distrófico em função da fertilidade do solo. Como representantes típicos destas fístofisionomias pode-se citar a copaíba (*Copaifera langsdorfii*), guatambu (*Aspidosperma parviflorum*), mandiocão (*Didimopanax* sp), almecega (*Protium heptaphyllum*), entre outras.

Ca'ati karapê – Cerrado com estrutura mais baixa e aberta, apresentando estrato graminóide. Ocupa as formações de solos menos férteis, com maiores percentuais da fração areia, de coloração mais “amarelada”, classificados pelos Kaiowá e Guarani como yvy sayju, com aptidão preferencial para o cultivo da mandioca. Nestes locais é que ocorriam as maiores concentrações de erva mate (*Illex paraguariensis*). Podem ser citados como outros representantes destes locais a candeia (*Gochnatia polymorpha*), açoita-cavalo (*Luehea speciosa*), cambará (*Vochisia divergens*) entre outras.

Ca'ati ñu vai – Equivalendo-se à Savana gramíneo lenhosa ou campo cerrado, fisionomia aberta, com estrato graminóide, presença de pequenas árvores esparsas, ocupando as áreas menos férteis. Pela classificação dos índios as terras ocupadas com ca'ati são conhecidas como ivy moroti, sem aptidão para cultivos agrícolas, se associando às áreas de solos “gleizados” e também a áreas sob ocorrência de latossolos mais ácidos, com maiores teores da fração areia.

No Quadro 1 estão contidas as principais espécies florestais segundo o uso tradicional dos Kaiowá e Guarani.

NOME COMUM	NOME GUARANI	NOME CIENTÍFICO	USOS
Alecrim	alekrim	Holocalix balansae	Madeira para confecção de arcos e cabos para ferramentas.
Amoreira	yvirapará	Maclura tinctoria	Fruto para confecção de chicha, madeira para cabos de ferramentas e usos diversos.
Angelim (cerejeira)	xiru	Amburana acreana	Madeira para confecção de artefatos de uso religioso (cruz e banco).
Aroeira	urunde'y	Myracrodruon urundeuva	Esteios para construção de moradias, pontas de flexas.
Canafistula	yvirá pytã	Peltophorum dubium	Madeira para construção de casas e lenha.
Candeia	tatar?	Gochnatia polymorfa	Lenha
Cedro	yari	Cedrela fissilis	Madeira para confecção de coxos para chicha.
Erva-mate	ka'a	Illex paraguariensis	chás
Espeteiro	ñandytay	Casearia gossypiosperma	Leite para cicatrização do orifício do "tembokuá"; construção de casas.
Guajuvira	guaja'ivy	Patagonula americana	Madeira para confecção de arcos e cabos para ferramentas.
Guatambu	guatambu	Aspidosperma parviflorum	Madeira para confecção de arcos e cabos para ferramentas.
Ipê	tajy	Tabebuia avellanedae	Madeira para construção de casas e lenha
Jatobá	jatayvá	Hymenaea stigonocarpa	Madeira para construção de casas, lenha e frutos para alimentação humana.
Jequitibá	ka'i ka'i guá	Cariniana estrellensis	Principal fonte para confecção de "imbiras"
Macauba	bocajá	Acrocomya aculeata	Fibras das folhas para confecção de linhas e cordas; fruto para alimentação humana.
Pau-marfim	yvirá ñeti	Balfourodendron rhyedelianum	Madeira para confecção de cabos para ferramentas.
Pau-óleo	kupa'y	Copaifera langsdorfii	Óleo para cicatrização, lenha e produção de embiras.
Peroba-rosa	yviraró pytã	Aspidosperma polyneuron	Madeira para confecção de cabos de ferramentas e esteios para construção de casas.
Pindó	pindó	Arecastrum romanzoffianum	Folhas que trançadas cobriam casas; estirpe, da qual, lascada, faziam-se paredes de casas; fruto para confecção de chicha.
Ximbuva	ka'i nambi / tamburi	Enterolobium contortissiliquum	Lenha

Quadro 1 – Principais espécies florestais segundo o uso tradicional dos Kaiowá e Guarani.

Na Figura 1 são apresentados os resultados de um questionário aplicado para as mulheres Kaiowá e Guarani de Caarapó. O questionário foi aplicado em 221 residências de um total aproximado de 600 existentes no âmbito da Reserva Indígena de Caarapó. Entre outros objetivos, busca o fortalecimento dos quintais familiares por meio da distribuição e plantio de mudas de espécies frutíferas.

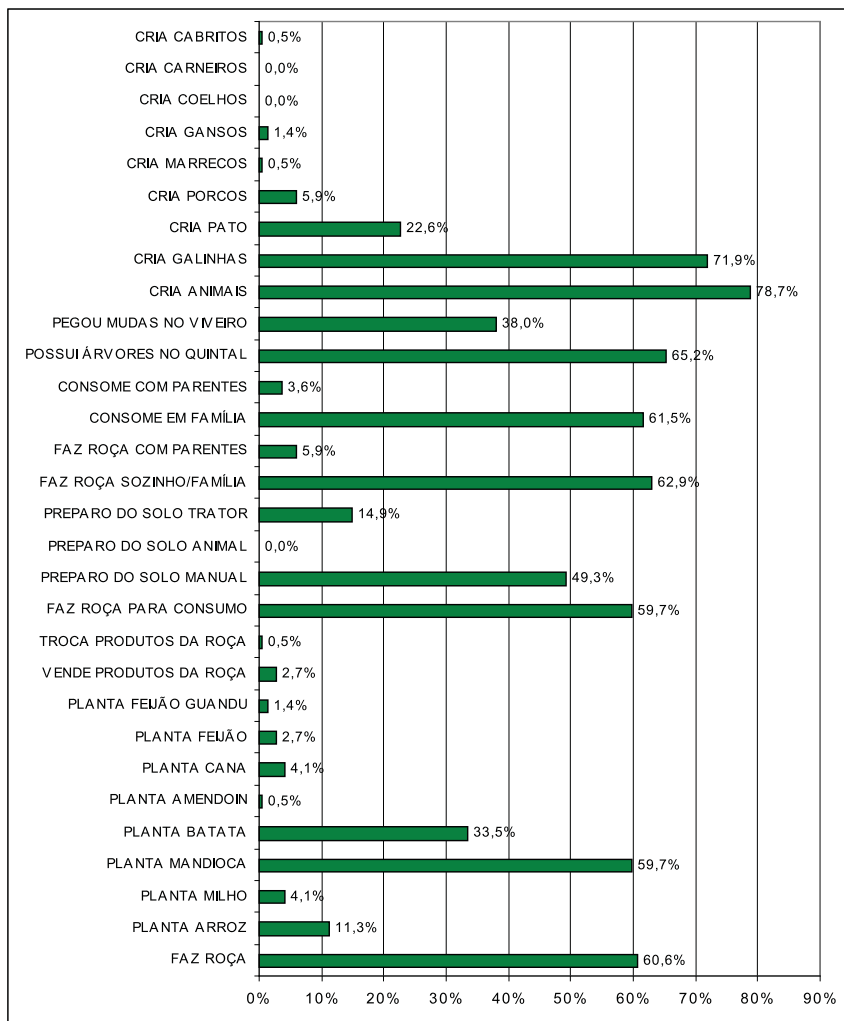


Figura 1 – Resultados preliminares de questionário aplicado para as mulheres da Reserva Indígena de Caarapó (Fonte: Programa Kaiowá/Guarani).

Conforme se pode inferir na Figura 1, as práticas agrícolas desenvolvidas pelos Kaiowá e Guarani de Caarapó atualmente tornaram-se quase incipientes quando comparadas aos padrões característicos desta etnia antes de se fazerem presentes os efeitos deletérios decorrentes do processo de confinamento e contato com a sociedade envolvente. Evidencia-se, a partir dos dados coletados, a simplificação das práticas agrícolas, o que pode se refletir, indiretamente, na própria redução da dieta alimentar praticada por aquela comunidade.

Nesse sentido, considerando a questão do assalariamento e venda da mão-de-obra masculina, o que tem imposto aos Kaiowá e Guarani de Caarapó uma situação de desagregação social, amplia-se a importância das mulheres, as quais sempre desempenharam importantes funções na organização social e produção de alimentos dessas sociedades indígenas.

O depoimento do índio Homero Martins, um dos ñanderu (nosso pai: cacique) ainda presentes entre os Kaiowá e Guarani de Caarapó ilustra a importância da organização social e vida religiosa, evidenciando a interligação homem e natureza. Um dos aspectos que afloram deste depoimento refere-se à importância que a fartura alimentar proporcionava aos membros desta etnia.

“Então, antigamente, nós vivíamos, tinha tudo, existia os vovôs. Tinha o que rezava, os ñanderu, que rezavam. Faziam grandes encontros e rezavam com os ñanderu. Tinha... (nomes de tipos de reza). Isso que rezavam (cantavam) eles. E isso já não vimos mais tanto, porque já acabaram os ñanderu e vivemos só nós, órfãos (guachos). Só nós que estamos, e que tentamos nos reunir com as pessoas por onde moramos. Só eu que ainda estou vivo, aqui eu vim. Veio atrás de mim o Ava Rike'y (irmão mais velho do índio: Deus - divindade), me procurou e me encontrou. E agora eu vou contar, aqui estou eu o Kunumi Ava Poty (seu nome indígena: menino flor de índio). Eu ainda vivo, eu que vi as coisas, ainda vivo. O Kunumi Ava Poty vai contar pra vocês, ele que viu tudo o que acontecia antigamente. Antigamente, quem viveu, acontecia jerocy, acontecia guahu. As pessoas porque comiam, eram bem gordas. E não comiam da comida do branco. A nossa comida comíamos. A chicha bebíamos. Comíamos tapesu'á, comíamos eyrusu (mel de abelhas), e por isso que não tínhamos doenças. O nosso

corpo era limpo, e vivíamos bem gordos. Hoje se quisermos procurar eirusu ou tapesu'á, onde vamos procurar, não tem mais onde vamos encontrar eirusu. E antigamente tinha a armadilha para você fazer e derrubar o tatu. Por aí que as pessoas se reuniam para comer muito contentes quando comiam, se comiam tajasu, ficavam muito contentes. Se encontravam anta, já se reuniam para comer anta assada. Eles se alegravam comendo a cabeça da anta. Se reuniam para comer. E hoje para ver isso de novo, hoje em dia não vamos ver mais essa grande reunião, quando dançávamos, esse já não vão ver mais. Esses nossos irmãos, eles não vão ver mais. Tem só os que viram, esses vão contar para vocês. O Kunumi Ava Poty já viu, ele vai contar para você, nesse dia ele vai contar porque, eu já vi eles, não existe mais a grande festa como devia ser autêntica, não existe mais. Não existe mais o Kunumi Ka'u (bebedeira dos meninos), já acabou totalmente o Kunumi Ka'u (HOMERO MARTINS).

Se isso formos procurar, onde vamos achar? Não existe mais o ñanderu, que pode furar o lábio dos meninos. Se quisermos que os meninos amanheçam (Ka'u) embebedados sejam ensinados como antigamente, como o Kumumi Ava Poty viu, isso já não verão mais, porque já se misturaram tudo com a vida dos não índio. Já deixaram de lado, preferiram a língua do branco. É por causa que já deixaram a língua do índio. E por isso que não verão mais. Dessa cultura que hoje eles estão pegando, eles não vão mais alcançar, não é que eu, se formas valorizar a nossa reza e para alegrarmos, todos temos que nos levantar para nos fortalecermos aqui em cima da terra. Dessa terra que é produção (trabalho) do Chiru (Deus), dessa que foi o serviço de Chiru Pa'i kuará", para vivermos em cima dela não podemos deixar muito (abandonar) as nossas pegadas. Dizem pras pessoas "não abandonaremos nossas pegadas". Na reza se fala: "Não deixemos as nossas pegadas". Diz aquele que viu, diz Kumumi Ava Poty, assim ele diz quando está contando. E porque ele viu que está contando. O Kumumi Ava Poty viu de tudo o que aconteceu: quando colocavam o tembetá, quando houve a grande dança. Essas coisas ele viu tudo. O vovô a vovó me levava por aí. Por aí eles tinham seus lindos tukuaju (instrumento de reza), a vovó e tinham suas lindas cruzes (kurusu). Hoje em dia não vejo mais kurusu, não sei por onde ele foi, eles guardaram tudo. Onde será que os vovôs levaram suas cruzes? Aqui embaixo dessa casa de tupã que me trouxeram para ver essas crianças, eu conto pra elas para que não tenham uma vida muito perdida, eu

os acompanho. E aí eu falo pra elas, não podemos abandonar tanto nossas pegadas. E eu também não largar as minhas pegadas. Porque eu não vou deixar mesmo as minha pegada. E antes que eu imagine, eu quero que os meus parentes ouçam de mim, tudo o que eu tenho eu quero que ouçam de mim. Muitas pessoas que não tem nada, não entendem nada, nem que o Chiru Pa'i kuará viveu, elas não sabem. E se perguntarmos, elas não sabem contar como é realmente. E assim quando eu perguntei de tudo para saber conhecer como se vivia antigamente, como surgiu as pessoas. E até aí eu agradeço por ter contado pra vocês sobre o que o Chiru Pa'i kuará me contou, conforme ele me contou, eu passei pra vocês. Hoje em dia não se houve mais o som do Takua. Eles apenas ficam de pé, a toa. Sabe porque eles apenas ficam de pé, porque eles não vêem o que tem pela frente. Eles acham que estão enxergando tudo. Os de antigamente viam melhor. E assim ficamos apenas nós sozinhos em cima dessa terra” (HOMERO MARTINS).

2.3 O MBACUCU

A espécie é citada por Noelli (1993) como uma das plantas cultivadas tradicionalmente pelos Guarani, o feijão mbacucu (*Pachyrrhizus tuberosus* (Lam.) Spreng) representa uma unanimidade entre todos os depoimentos tomados junto aos Kaiowá e Guarani de Caarapó. Segundo a classificação indígena, esta planta está incluída entre os carás, em razão de que se consumia seu tubérculo.

Conforme Faria (2000), a espécie, também nomeada pelos indígenas como o feijão jacatupé e feijão macuco, é conhecida desde a Descoberta do Brasil, quando da chegada dos primeiros colonizadores, tendo sido descrita assim: “há outras raízes chamadas Yeti copê (batata de casca fina), semelhante ao rabanete, de um sabor agradável, muito próprio para acalmar a tosse e amolecer o peito. Suas sementes se assemelham a favas, e segundo afirmava Pe. José de Anchieta, as sementes são venenosas”. É uma das seis espécies do gênero *Pachyrrhizus*, pertencente à família Fabaceae.

Segundo Sorensen (1990) o jacatupé é encontrado no oeste da América do Sul, onde parece ser nativo nas cabeceiras do rio Amazonas. É uma planta herbácea, trepadora, com hábito de crescimento

indeterminado (decumbente). Produz raízes tuberosas ricas em amido, proteína e açúcares. Tem as folhas alternas, compostas e trifoliadas. Os folíolos são assimétricos, alguns com margens inteiras e outros denteados, bases cuneadas e ápices apiculados. A inflorescência é racemosa, flores zigomorfas de coloração roxa. O fruto legume apresenta de 13,0 a 19,0 cm de comprimento e 1,4 a 2,3 cm de diâmetro, podendo apresentar de 5 a 13 sementes (NODA *et al.*, 1984; ALVARENGA, 1987).

A parte mais aproveitada pelo homem é a raiz tuberosa que é muito tenra e açucarada, é ingerida crua, assada ou cozida, podendo ainda ser utilizada na produção de polvilho. Serve também para o preparo de rações para suínos e gado, principalmente, o leiteiro. Como forragem, pode ser associada ao milho e/ou ao sorgo para ser ensilado. Suas sementes, por apresentarem conteúdos significativamente elevados de isoflavonoides, principalmente de rotenona, não se destinam à alimentação por serem extremamente tóxicas para o homem e para os animais (ALVARENGA, 1987).

Considerando os aspectos ecológicos relacionados com a capacidade de adaptação do feijão mbacucu a diversas condições de luminosidade, capacidade de fixação biológica de nitrogênio, alto valor protéico (qualidades nutritivas) de seus “tubérculos”, acrescidos de sua importância no campo da cultura Kaiowá e Guarani, esta planta apresenta um alto potencial para a composição dos cultivos agroflorestais entre as comunidades indígenas desta etnia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção de alternativas de desenvolvimento local em populações indígenas deve ser alicerçado pelo “diálogo de saberes”, buscando-se a harmonização (mestiçagem) do conhecimento indígena com o conhecimento técnico científico ocidental, objetivando uma prática de resultados e um envolvimento maior e mais amplo da comunidade envolvida.

Os projetos de desenvolvimento local em comunidades indígenas deverão estar sempre alicerçados em modelos que privilegiem as relações de reciprocidade e “solidariedade interna” das comunidades envolvidas.

Em diversas situações, na ausência de estudos ecológicos das populações vegetais remanescentes, pode-se recorrer ao conhecimento empírico das populações indígenas (etnoconhecimento), principalmente na identificação de espécies em potencial a serem utilizadas nos mais variados fins, quais sejam, em processos de recuperação ambiental, fins medicinais, artesanato, fortalecimento dos “arranjos” produtivos de quintais, aumento na diversificação das plantas cultivadas, entre outros.

Em ambientes degradados, com adiantado grau de antropização, como no caso da Reserva Indígena de Caarapó, MS, a introdução do componente arbóreo nos “arranjos” produtivos, representados aqui pelas “roças” e quintais (entorno das moradias), trará relevantes benefícios à qualidade ambiental local, o que poderá refletir positivamente na qualidade de vida da população indígena envolvida.

Parte importante da cosmologia da comunidade vem se transformando juntamente com o avanço do processo de fragmentação e redução da cobertura florestal na Reserva Indígena de Caarapó. Nesse aspecto, o processo de recuperação das áreas degradadas, especialmente das matas ciliares e fragmentos florestais, pode contribuir para a revitalização das relações homem/natureza.

Diante da perspectiva do processo de “reterritorialização” por parte das comunidades Kaiowá e Guarani, com enfoque na retomada de territórios tradicionais, os quais, invariavelmente, se encontram descharacterizados e em estado de degradação ambiental, desprovidos da cobertura vegetal primitiva, a re-introdução do componente arbóreo em consonância com o conhecimento local das comunidades envolvidas, quer seja na forma de SAF's ou associados às roças e quintais, deverá assumir importante papel no sentido de assegurar melhores condições ecológicas e socioeconômicas, contribuindo assim para a sustentabilidade do processo.

O funcionamento sustentável de um agroecossistema se relaciona diretamente à capacidade de manutenção de sua complexidade natural. Os manejos dos agroecossistemas praticados pelas populações tradicionais sempre se caracterizaram pela sua complexidade e alta

diversidade, premissas para a manutenção de sistemas sustentáveis. A adoção de Sistemas Agroflorestais pode contribuir sobremaneira para suprir as necessidades de subsistência em condições adversas.

Em relação à questão do assalariamento e venda da mão-de-obra masculina, o que tem imposto aos Kaiowá e Guarani de Caarapó uma situação de desagregação social, amplia-se a importância das mulheres, as quais sempre desempenharam importantes funções na organização social e produção de alimentos. O desenvolvimento de alternativas que possam vir a propiciar melhorias na qualidade de vida daquela comunidade passa necessariamente pelas mulheres, principalmente as iniciativas ligadas ao aspecto da segurança alimentar.

Considerando-se que a preocupação com a conservação dos recursos naturais advém da lógica ocidental, representada aqui pela sociedade envolvente, e que a mesma não faz parte dos sistemas ditos tradicionais, torna-se importante o processo de indução dessa mesma preocupação, principalmente num contexto de escassez dos recursos naturais.

Os aspectos ecológicos relacionados com a flexibilidade de adaptação do feijão mbacucu a diversas condições de luminosidade, capacidade de fixação biológica de nitrogênio, alto valor protéico (qualidades nutritivas) de seus “tubérculos”, acrescidos de sua importância no campo da cultura Kaiowá e Guarani apontam essa planta como de alto potencial para a composição dos cultivos agroflorestais entre as comunidades indígenas desta etnia.

O resgate e a posterior multiplicação de algumas variedades cultivadas tradicionalmente pelos Kaiowá e Guarani podem representar um importante elo no estímulo ao fortalecimento das atividades agroflorestais, contribuindo assim para o aspecto da segurança alimentar da comunidade.

Com enfoque na inserção das economias familiares e da própria comunidade nos mercados locais e regionais, há que se formatar, em nível macro, um modelo de associação ou consórcio que possa intermediar as relações interculturais decorrentes do processo.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- ALVARENGA, A.A. *Estudo de alguns aspectos do desenvolvimento do feijão jacatupé (*Pachyrrhizus tuberosus* (Lam.) Spreng)*. 1987. 174p. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1987.
- BRAND, A. Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul. In: *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 1, n. 2, p.59-68, mar. 2001.
- FARIA, L.L. *et al.* Alguns Aspectos morfofisiológicos do feijão Jacatupé (*Pachyrrhizus tuberosus* (Lam.) Spreng). *Ciência Agrotécnica*, Lavras, v. 24, n. 3, p. 688-95, jul./set. 2000.
- LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LITTLE, PE. Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. In: LIMA, A.C.S.; BARROSO-HOFFMANN, M. (Orgs.). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- MUÑOZ, M.G. Saber Indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, E. *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.
- NODA, H.; PAIVA, W.O.; BUENO, C.R. Hortaliças da Amazônia. *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 32-37, jul. 1984.
- NOELLI, F.S. *Sem tekohá não há tekó* (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS). 1993. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SORENSEN, M. *Observations on distribution, ecology and cultivation of the tuber-bearing legume genus Pachyrrhizus Rich. Ex. DC*. Netherlands: Wageningen Agricultural University Papers, 1990. 38p.
- VIETTA, K. Não tem quem orienta, a pessoa sozinha é que nem uma folha que vai com o vento: Análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. *Multítemas*, Campo Grande, n. 12, p. 52-73, nov. 1998.